

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Carolina Ferreira Vieira

UMBANDA: ESTRUTURA E RITUAIS

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Volney José Berkenbrock

Juiz de Fora
2016

UMBANDA: ESTRUTURA E RITUAIS

UMBANDA: STRUCTURE AND RITUALS

Carolina Ferreira Vieira¹

RESUMO

A proposta desta pesquisa é apresentar uma religião denominada Umbanda, que nasceu no Brasil, abrange uma pluralidade cultural expressiva e apesar de seu sincretismo com outras religiões afro-brasileiras, católicas, indígenas, orientais e espíritas, vem conquistando, depois de enfrentar as barreiras do preconceito, seu espaço e identidade. Ao longo do artigo, vamos elencar como funciona a estrutura das casas umbandistas, quais são os tipos de Umbanda, qual panteão de entidades, quem são os atores e seus principais rituais praticados, apresentando basicamente suas origens e representações tipicamente brasileiras com o objetivo de reconhecer a Umbanda como uma religião que por um lado possui uma diversidade ritualística variante entre os terreiros e por outro apresenta características doutrinárias em comum como suas crenças sobre a reencarnação, a existência de guias e protetores espirituais elucidando, como sua missão principal, a fraternidade, caridade e amor ao próximo, sem discriminações de raça, credo ou classe social.

PALAVRAS-CHAVE: Umbanda, Religião, Rituais.

ABSTRACT

The purpose of this research is to present a religion called Umbanda, who was born in Brazil, covers an expressive cultural plurality and despite his syncretism with other african-Brazilian religions, Catholic, indigenous, oriental and spiritualists, has gained, after facing barriers prejudice, their space and identity. Throughout the article, we're going to list how the structure of Umbanda houses, which are the types of Umbanda, which pantheon of entities, who are the actors and their main practiced rituals, basically presenting its origins and typical Brazilian representations in order to recognize Umbanda a religion on the one hand has a diversity ritualistic variant between the terraces and on the other presents doctrinal characteristics in common as their beliefs about reincarnation, the existence of guides and spiritual protectors elucidating, as its core mission, fraternity, charity and love of neighbor, without discrimination of race, creed or social class.

KEYWORDS: Umbanda, Religion, Rituals.

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: caronline.jf67@yahoo.com.br Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Volney José Berkenbrock.

1. INTRODUÇÃO

A Umbanda é uma religião monoteísta fundada no Brasil e figura entre as religiões chamadas de afro-brasileiras. Muitos livros, artigos e as próprias pessoas mesclam alguns conceitos da Umbanda com outros cultos. O propósito deste texto não é aprofundar nas questões da magia e espirituais desenvolvidas nas casas umbandistas, mas expor como funciona a estrutura, quem são os atores e os guias, quais são os rituais, os tipos de Umbanda, seus significados, cantos e elementos utilizados nesta tradição religiosa.

Baseado em pesquisas e experiências pessoais em “Casas de Umbanda” é notável que ocorre uma diferença entre elas. Existe uma certa autonomia por parte dos chefes de terreiro em estabelecer algumas regras e padrões para o funcionamento da casa. Assim, por exemplo, algumas casas se utilizam de uma maior gama de rituais, como o som dos atabaques, a defumação, as vestes brancas, o fumo dentre outras que citaremos com mais detalhes nos próximos capítulos, enquanto outras casas não utilizam mais muitos ritos, porém mantém o mesmo esquema de reuniões, consultas e caridade. Pode-se entender que cada casa segue uma linha de trabalho, que exemplificaremos adiante.

Quanto à sua constituição, Oxossi afirma que:

A Umbanda nasce, portanto, com a missão de não segregar, de não separar. Nasce para agregar, para unir. Sendo assim, conforme se constituía uma religião genuinamente brasileira, a Umbanda foi absorvendo práticas e conceitos de outras religiões: Dos cultos de nação africana agregou as Divindades, chamadas Orixás, e a sua relação com as energias da natureza. Da cultura indígena herdou o amor à natureza e o uso de ervas de poder, com o Cristianismo católico promove um vasto sincretismo entre as suas divindades, originárias da cultura africana e aos santos católicos, tal como já era feito no Brasil pelos diferentes cultos afros. Do Espiritismo codificado por Kardec, agregou manifestações dos espíritos e o trabalho mediúnico. (OXÓSSI,2014)

E Silva é da opinião que:

[...] a umbanda constitui-se, portanto, como uma forma religiosa intermediária entre os cultos populares já existentes. Por um lado, preservou a concepção Kardecista do carma, da evolução espiritual e da comunicação com os espíritos e, por outro, mostrou-se aberta às formas populares de culto africano (SILVA,1979).

A Umbanda, portanto, é considerada um movimento que agrega diversas matrizes como africanas, cristãs, indígenas, kardecistas e orientais. O texto apresentado citará alguns mitos, conceitos e práticas da tradição Umbandista encontrados nos livros pesquisados de forma básica, ressaltando mais uma vez que essa religião tem vários segmentos e podem ocorrer variações quanto a sua interpretação e entre as estruturas e organizações dos Terreiros.

2. BREVE HISTÓRIA DO NASCIMENTO DA UMBANDA E SEUS FUNDAMENTOS

Ortiz expressa:

A Umbanda aparece, pois como uma solução original; ela vem tecer um liame de continuidade entre as práticas mágicas populares à dominância negra e a ideologia espírita. Sua originalidade consiste em reinterpretar os valores tradicionais, segundo o novo código fornecido pela sociedade urbana e industrial. O que caracteriza a religião é o fato de ela ser o produto das transformações sócio- econômicas que ocorrem em determinado momento da história brasileira (ORTIZ,1978, p.44).

O surgimento das religiões afro-brasileiras é marcado por fenômenos sociais e culturais do País. Quando os escravos africanos vieram para o Brasil, trouxeram a tradição de suas culturas, que antes não eram reconhecidas como religiões pelos nativos, mas chamavam atenção em seus aspectos peculiares. Posteriormente, com a abolição dos escravos, os mesmos começaram a formar grupos em diversos lugares, com destaque no Rio de Janeiro, expressando suas culturas Banto, Nagô, Gêge(Jeje) e outros. Esses grupos faziam culto aos antepassados e invocavam entidades e ao longo tempo passaram por adaptações e influências de outras tradições, surgindo novos grupos chamados de Cabula e posteriormente, por meados de 1930, de Macumba. Nessa mesma época, iniciava o processo de urbanização e industrialização presidida por Getúlio Vargas. Esse momento histórico foi marcado pela desagregação de classes sociais e processo de aculturação, abrindo espaço para o sincretismo religioso. Concomitante, outros cultos afros como Cadomblé (da Bahia) se difundiam ao lado do espiritismo de Allan Kardec (codificado na França em 1857). O catolicismo já era religião predominante no país. Diante uma sociedade moderna, absorvendo valores de outras tradições, surgiu uma nova religião nacionalista, chamada de Umbanda.

De forma resumida, a palavra Umbanda sucede etimologicamente de duas línguas africanas (umbundo e quimbundo) que se refere a “medicina”, “ciência médica” e “arte de curandeiro”. No sentido esotérico, expressa o “Conjunto de Leis Divinas”.

Berkenbrock contribui sobre a sedimentação da doutrina Umbandista:

Quando se pergunta pela doutrina da Umbanda, pode-se dizer que o processo de sedimentação duma doutrina ainda está em seu início. Ainda não existe uma teologia trabalhada e refletida. Isso não se deve apenas ao fato de ser a Umbanda uma religião ainda muito jovem, mas também à forma de organização em si dessa religião. A total Independência de cada grupo ou comunidade contribui para a existência de um número grande de diferentes ideias e ensinamentos. Não existe nenhuma pressão pela unidade doutrinal, ou pelo menos nenhuma pressão que seja tão forte ao ponto de influenciar o livre desenvolvimento da religião. (BERKENBROCK,2007)

2.1 Anunciação da Umbanda

Não podemos precisar as origens dos rituais praticados na Umbanda. Todavia podemos afirmar que um marco-mito sobre o nascimento da Umbanda, o localiza no Estado do Rio de Janeiro em 1908. Nestes relatos, Zélio Fernandino de Moraes, um jovem que estava se preparando para carreira militar, começou a ter surtos estranhos à sua personalidade com frequência e sua família preocupada, depois de tentar tratamento com psiquiatra e não ter retorno positivo, o levou em um centro Kardecista em Niterói. Durante a sessão teria se manifestado em Zélio um espírito de Caboclo (Índio), que anunciou um novo culto no qual todos seriam aceitos e ajudados independentes de cor, crença ou classe social, afirmando que naquele momento nascia a Umbanda, uma religião que simbolizaria a humildade e a igualdade entre todos os irmãos, encarnados ou desencarnados.

Na narrativa de Peixoto, este momento ter-se-ia dado da seguinte forma:

[...] manifestou-se o Caboclo das Sete Encruzilhadas, para declarar que naquele momento se iniciava um novo culto, em que os espíritos de velhos africanos escravos e de índios brasileiros, os quais não encontravam campo de atuação nos remanescentes das seitas negras, já deturpadas e dirigidas em sua totalidade para os trabalhos de feitiçaria, trabalhariam em benefício de seus irmãos encarnados, qualquer que fosse a cor, a raça, o credo e a condição social. A prática da caridade, no sentido do amor fraterno, seria a característica principal do culto que teria por base o Evangelho de Jesus (PEIXOTO, 2008, p. 12).

Posteriormente, Zélio fundou o centro espírita (o nome espírita foi empregado por questões legais) Nossa senhora da Piedade. Em 1939 foi criado no Rio de Janeiro a primeira Federação Umbandista, que foi expandindo para outros Estados ao longo do tempo e seu intuito era de divulgar, organizar e criar proteções jurídicas contra perseguições policiais.

2.2 Representatividade

Segundo os dados do IBGE de 2010 (Tabela 1), 407.331 pessoas, equivalente a 0,21 % da população brasileira, declararam-se adeptos da Umbanda. Veja quadro abaixo:

Tabela 2094 - População residente por cor ou raça e religião
Brasil
Variável = População residente (Pessoas)
Cor ou raça = Total
Religião = Umbanda
Ano = 2010
Total: 407.331

Tabela 1

Fonte: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=2094&z=cd&o=10&i=P>

Além desses dados, muitas pessoas que frequentam casas umbandistas ainda se declaram adeptos ao Espiritismo ou outra religião pelo preconceito sofrido pela sociedade em assumir a religião ou por se classificarem como apenas frequentadores ocasionais e curiosos. Somando esse número de adeptos com os esporádicos, conclui-se que o total de Umbandistas é provavelmente maior do que os encontrados nos registros.

Difundidos em todo Brasil, os seguidores da Umbanda estão concentrados em sua maioria no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. A Umbanda atualmente já se expandiu para o Uruguai e a Argentina, assim como em vários locais dos Estados Unidos.

No dia 01 de Junho de 2008, o presidente de uma Associação de Umbanda em Caxias do Sul, Saul de Medeiros lançou oficialmente a Bandeira da Umbanda (Figura 1), pretendendo ser reconhecida por todos os Umbandistas.

Vide abaixo:



Figura 1

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bandeira_da_Umbanda.jpg

Outro símbolo oficializado no 2º Congresso de Umbanda, em 1961, foi o Hino da Umbanda, que hoje é cantado em quase todos Terreiros no princípio ou final dos cultos.

A letra:

“Refletiu a luz divina
com todo seu esplendor
é do reino de Oxalá
Onde há paz e amor
Luz que refletiu na terra
Luz que refletiu no mar
Luz que veio de Aruanda
Para todos iluminar
A Umbanda é paz e amor
É um mundo cheio de luz
É a força que nos dá vida
e a grandeza nos conduz.
Avante filhos de fé,
Como a nossa lei não há,
Levando ao mundo inteiro
A Bandeira de Oxalá !
Levando ao mundo inteiro
A Bandeira de Oxalá !”

FONTE: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hino_da_Umbanda

Em 16 de Maio de 2012, a Presidenta Dilma Rousseff sancionou a Lei federal Nº 12.644 que institui o Dia Nacional da Umbanda que será comemorado, anualmente, em 15 de Novembro (essa data já era comemorada anteriormente pelos seguidores adeptos da Umbanda de Zélio Fernandino de Moraes).

2.3 Segmentos Umbandistas

Dentro da Umbanda, pode-se encontrar diversas ramificações. Apesar das variações de classificações entre autores, observa-se que Barbosa Júnior apresenta uma divisão dos segmentos mais conhecidos. São eles:

As organizadas por Zélio Fernandino de Moraes chamadas de “Umbanda Tradicional” e “Umbanda Popular (também conhecida como Macumba)”, as que mesclam com o Cadomblé denominadas “Umbanda de Almas e Angola” e “Umbanda Traçada (Umbandoblé)”. Esotéricas, com influências orientais difundidas por W.W. Matta Pires e Pai Rivas chamadas de “Umbanda Esotérica” e “Umbanda Iniciática”. A volvida para a cultura indígena que é a Umbanda de Caboclos. A Umbanda de Pretos-Velhos (comandadas por eles). As direcionadas ao culto africano que se denomina Umbanda Omolocô e por fim a Umbanda Branca e/ou de mesa que não utiliza de muitos rituais de culto africano, não cultuam orixás diretamente, geralmente trabalham com pretos-velhos, caboclos, crianças e tem base doutrinária no Kardecismo (Espiritismo).

2.4 O panteão de entidades na Umbanda

A umbanda é considerada uma religião monoteísta, na qual concebe a Trindade: Zâmbi (Tradição Banto) ou Olorum (Tradição Yoruba) considerados como Deus único do Universo, Orixás (Divindades) e Guias ou Entidades espirituais. Suas crenças principais são: Crença em Jesus Cristo, em Anjos (figuras sagradas), Orixás, Guias e Guardiões, reencarnação e mediunidade.

Os Umbandistas cultuam Divindades denominadas de Orixás, os mesmos são considerados linhas de vibração, ou seja, não são espíritos, nunca viveram na Terra e atuam com energias da natureza, como o ar, água, fogo e terra e trabalham em Sete (7) Linhas principais denominadas: Vibração de Orixalá ou Oxalá (sincretizado com Jesus Cristo), Yemanjá, Xangô, Ogum, Oxóssi, Yori (Ibeiji) e Yorimá (Almas). Essas 7 (sete) linhas subdividem em mais 7 (sete) sucessivamente, ressaltando que o número 7 (sete) é reputado pelos esotéricos como cabalístico (número que representa expansão e centralização de unidade).

Além disso, dentro dessas divisões ocorrem ramificações classificadas por Falanges, Legiões, Elementais e Avassais.

Os guias são considerados espíritos em evolução, também chamados de entidades, que trabalham com essas vibrações dos Orixás de acordo com a necessidade de “cura” do momento e são eles que “incorporam” nos médiuns realizando as “limpezas” de energias negativas, orientando e realizando os trabalhos espirituais nas casas de Umbanda. A tríade principal de espíritos na Umbanda é chamada de Pretos-velhos, Caboclos e Crianças. Os outros são guias auxiliares como exus, pomba-giras, malandros, marinheiros, boiadeiros, baianos, cangaceiros, orientais, ciganos, “mentores de cura” e outros que são de grande relevância para as Giras de alguns Terreiros. Observa-se que todas essas representações são estereótipos de habitantes brasileiros no passado.

Os principais Guias e suas formas de apresentação :

a) Pretos-Velhos: São entidades de escravos mais idosos que se apresentam com o corpo curvado pelo cansaço de seu trabalho. São caracterizados pela humildade, calma e sabedoria. São os conselheiros, na maioria das consultas, eles que chegam, “incorporados” nos médiuns, sentam no seu banquinho, podem estar fumando seus cachimbos (alguns não têm necessidade) e atendem seus clientes (assistência), receitando ervas, banhos, aplicando passes e aconselhando.

b) Caboclos: São entidades de índios, podem ter sido chefes de tribos, são guerreiros, sérios, de postura ereta, alguns pedem seus cigarrinhos, outros não, podem receitar banho de ervas pois eles são da mata verde e classificando-os como curadores também.

d) Crianças: São entidades infantis, chamadas de Erês, Ibejis, Ibejada, Dois-Dois, representam a pureza, alegria, brincam e falam como crianças, distribuem balas, pulam, batem palma. É associada a festa de São Cosme e Damião. Idade pode variar entre 03 e 14 anos. Apesar das brincadeiras, fazem um trabalho sério e respeitável pelos Umbandistas.

e) Baianos: Entidades nordestinas. Possivelmente, em alguns casos, foram Babalorixás de origens variadas. Representam a figura de trabalhador regionalista, de luta e determinação. Gostam de conversar, mas também “puxam orelha”.

f) Boiadeiros: Semelhante aos Caboclos, protetores, são entidades de mestiços, oriunda de fazendas e apresentam característica bruta e séria.

g) Marinheiros: Entidades de marujos, do mar, são alegres, de andar cambaleante.

h) Ciganos: São entidades antigas na tradição Umbandista. Caracterizada pelo nomadismo, experiência, alegria e sabedorias mágicas. Podem trabalhar em algumas casas na chamada “Linha do Oriente”.

i) Exus e Pomba-Giras(Pombogira): São entidades de origens diferentes, podem ser prostitutas, marginais, boêmios e outros. Alguns se apresentam alegres, dançantes e outros mais sérios. São inteligentes e fazem trabalhos de “limpezas” espirituais considerados mais “pesados”. São tidos como espíritos em evolução, que atuam como guardiões astrais, obedecem seus “patrões” e protegem os Terreiros. Apontados também como essenciais para os trabalhos nos Centros de Umbanda e mesmo que em algumas casas não ocorram as “Giras de Exus”, eles estão em serviço nos dias do culto, segundo relatos de umbandistas.

Segundo Magnani, citada por Silva:

Ciganos, boiadeiros, pretos velhos, exus, todos esses personagens cujos suportes históricos em vida foram explorados, marginalizados, ocupando os interstícios do sistema, toda a legião dos seres liminares, enfim, são transformados, nos terreiros populares, por um processo de inversão, em heróis de força espiritual, capazes de socorrer aqueles que hoje, sujeitos talvez às mesmas vicissitudes, os invocam (SILVA, 1986).

Percebe-se que cada casa trabalha de uma forma. Algumas não fazem culto aos orixás diretamente. O culto aos orixás ocorre mais nas Tendras voltadas ao Cadomblé, no qual os rituais praticados aos orixás e suas denominações se alteram. Portanto, tem Terreiros que trabalham somente na linha de pretos-velhos, que são os destaques nos cultos que praticam a consulta, outros trabalham com o tripé (Pretos-Velhos, Caboclos e Crianças), outros com Pretos-Velhos e Exus ou com todos os guias e assim por diante.

3. ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DAS CASAS UMBANDISTAS

Diante da independência de cada Terreiro, percebemos que não há um padrão em todos os locais, mas existem, sim, características em comum; destas citaremos alguns elementos básicos. De um modo geral, as Sessões são abertas para o público e é comum que o atendimento ali realizado seja gratuito. Algumas casas realizam bazares que são doações de roupas e acessórios da assistência e posteriormente vendidas em valores simbólicos para ajudarem na manutenção da casa, como pagamento de luz, água, materiais de limpeza, copos descartáveis e outros. Para esse mesmo fim podem vender balas, ervas para banhos, livros e alguns alimentos para lanche.

As casas de umbanda são chamadas de Terreiro, Templo, Cabana, Centro ou Tenda. São muitas vezes, a casa adaptada dos próprios dirigentes ou em alguns casos um local cedido ou emprestado. Podem variar de capacidade de acolhimento de pessoas devido ao tamanho do local.

Negrão acrescenta:

Na maioria dos casos, os terreiros fazem parte do espaço doméstico, funcionando nas dependências da casa: na sala, em um quarto, na cozinha, no quintal e até área de serviço. Em outros, um espaço especial lhe é reservado, não tendo outra função que a ocorrência das giras. Normalmente, após alguns anos de funcionamento em local doméstico que se transforma em sagrado no momento do ritual, constrói-se um barracão no quintal, um "puxado" lateral junto a parede de casa, ou mesmo um segundo pavimento sobre ela (Negrão, 1993).

O espaço do terreiro pode ser dividido entre a ala da assistência, ala dos médiuns (em algumas casas este espaço é chamado de "mesa branca" onde fica o palestrante também), o Gongá, ala dos atabaques, "posto mediúnico" que é o local onde são realizadas as consultas, espaço para Exus (encontrado em alguns tipos de casas Umbandistas), em algumas casas há biblioteca (onde ficam livros espiritualistas para empréstimos), espaço onde fica o cambone com as senhas para as consultas, cozinha, espaço para as águas, banheiros e vestuários (Feminino/Masculino).

O Gongá (ou Congá) é um local que fica no centro ou no canto dentro do terreiro onde são postas as imagens dos representantes espirituais do culto. É um local de oração e respeito no qual seus seguidores agradecem, reverenciam seus guias e fazem suas preces deixando em alguns casos, uma vela acesa no chão em frente o Gongá. É considerado um centro de energias.

Peixoto opina:

O congá é o mais potente aglutinador de forças dentro do terreiro: é atrator, condensador, escoador, expensor, transformador e alimentador dos mais diferentes tipos de energias e magnetismo (PEIXOTO, 2008).

4. OS ATORES DA UMBANDA

Nesse capítulo vamos abordar os atores da umbanda, ou seja, quem são os participantes que frequentam e trabalham nessas casas. A nomenclatura usada para as diversas funções na Umbanda pode sofrer variações. Tentaremos expor aqui os termos mais comuns.

a) Dirigentes:

Diversos são os termos usados para designar a liderança de uma casa de Umbanda. Podem ser chamados por vezes de Chefe de Terreiro, Presidente ou Dirigente; ou então por termos mais religiosos como Pai-de-Santo; Mãe-de-Santo, Sacerdote (Sacerdotisa), Zelador, Mestre, Babálorixá (quando homem) ou lalorixá (quando mulher). Estas pessoas são responsáveis pelos trabalhos da casa. A administração pode ser voltada para o âmbito social, no qual o Diretor (Presidente) do culto é eleito pelos “sócios” da casa através de votação periódica e definidos por um Estatuto próprio ou pode ser voltada para o âmbito religioso, onde o próprio fundador que organiza e inicia um grupo junto com seus auxiliares, muitas vezes nos arredores de sua própria casa. Eles que fazem a abertura dos cultos, organizam e estabelecem regras internas de trabalho, orientam e definem o chamado corpo mediúnico, elegem os cambones, equedes e demais trabalhadores. São em sua maioria médiuns e podem receber orientações espirituais de seus guias para ajudar nos trabalhos.

b) Médiuns:

Também chamados de cavalos ou aparelhos, os médiuns são os trabalhadores da casa. Eles são os mediadores que “recebem” seus guias ou entidades, aplicam o passe e realizam as consultas. Através deles ocorre a comunicação entre o mundo dos encarnados e desencarnados, entre o mundo terreno e o mundo espiritual. A iniciação do médium ocorre através de um processo de desenvolvimento mediúnico nos Terreiros antes que o mesmo comece a realizar os trabalhos. Alguns começam sem experiência e são orientados e encaminhados pelo dirigente da casa, outros médiuns vêm de outras casas ou do Kardecismo e todos passam por uma fase de adaptação além de estudos esclarecedores e importantes para seu constante aprendizado.

Segundo o teólogo Berkenbrock:

A iniciação consiste principalmente no desenvolvimento da mediunidade, capacidade de incorporar uma entidade e a interpretar de forma correta. Além disso, aprende-se durante a iniciação a ordem do culto, a teologia, termos religiosos e as obrigações. A iniciação na Umbanda não é, porém, organizada de forma unitária e sua duração, forma conteúdo e ritual podem variar muito de casa para casa (BERKENBROCK, 2007).

c) Cambonos (es):

São médiuns em desenvolvimento que com sua disponibilidade são convidados pelo dirigente para essa função.

Atuam como auxiliares que distribuem as fichas ou senhas para as consultas e prestam ajuda nos materiais necessários para o trabalho e serviços da casa.

Essa mesma função, para casas mais direcionadas aos cultos afros, são denominados de Ogãs(Homens) e Equedes(Mulheres).

d) Corimbas:

São os responsáveis pelos cânticos e que tocam os atabaques (instrumento de percussão). Também podem ser chamados de Ogãs.

e) Assistência:

A assistência, também chamada de Consulentes ou Clientes, são as pessoas que vão para tomar o passe e para a consulta em busca de cura espiritual, conselhos e equilíbrio emocional. Elas geralmente acompanham os cânticos junto com os corimbas.

5. OS RITUAIS PRATICADOS E SEUS ELEMENTOS LITÚRGICOS

Matta e Silva é da seguinte opinião sobre os rituais:

É certo, certíssimo, que em qualquer Ritual, do mais bárbaro ao mais espiritualizado, encontramos sempre impulsionando sua tendência, os atos e práticas que devem predispor o indivíduo a harmonizar-se com o objetivo invocado, isto é, procura-se pô-lo em relação mental com Deuses, Divindades, Forças, Entidades, etc. e em quase todos os rituais, os fenômenos espirituais acontecem (muito embora nem todos os tenham como vértice de sua razão de ser), pela mediunidade vivente nos mediadores existentes em qualquer corrente, seja religiosa ou não (SILVA, 1979).

5.1. Giras

As Giras são sessões de caridade, também conhecidas como “culto” ou “reuniões” que ocorrem em determinados dias da semana. Concluindo que cada terreiro funciona de uma forma, notamos que os pontos em comuns de uma gira são: Abertura com Preces e saudações, incorporação dos guias junto com os cânticos e sinais, atendimento aos consulentes (são chamados por senhas e atendidos um de cada vez de acordo com o número de médiuns) e encerramento com despedidas das entidades e prece final.

A maioria das casas canta o hino da Umbanda no início ou final do culto e alguns acolhem preces como Ave Maria, Pai Nosso, Prece de Caritas e outras oriundas do catolicismo. Encontra-se em alguns terreiros o ritual de se levar uma pequena garrafa de água (facultativo a cada cliente) para serem fluidificadas (energizadas) pelas entidades e depois cada pessoa leva para suas casas e bebem gradualmente. Outro ritual presente na maioria das giras é a “defumação” da casa.

Em casas voltadas para a Umbanda Branca, antes das giras ocorrem palestras relacionadas com temas espiritualistas, que dura em torno de 1 (uma) hora, posteriormente começam as giras e depois o encerramento. As sessões umbandistas podem ser classificadas por reuniões chamadas de “desobsessão”, “descarrego”, reuniões de desenvolvimento dos médiuns (relativo a estudos e aprendizado do “trase”) e “passes” representados por uma energia que retira os maus fluidos do indivíduo (são as reuniões onde ocorrem também os atendimentos individuais). As consultas ocorrem no momento em que os médiuns entram em “trase” e orientados pelas entidades, prestam atendimento aos consulentes, fazendo a “limpeza” astral de energias negativas, respondendo suas perguntas e orientando em questões diversas de cunho pessoal.

Berkenbrock opina:

É através do culto que as pessoas entram em contato com os espíritos, recebem orientações para a vida e para o desenvolvimento do próprio espírito. O culto faz parte da estrutura da fé. Apesar de muitas variações existentes na forma de organizar o culto na Umbanda, há uma estrutura básica de culto, da qual fazem parte os seguintes pontos: 1. Preparação ou introdução. 2. Invocação das entidades e incorporação; 3. Consulta dos espíritos incorporados. 4. Despedida dos espíritos e encerramento (BERKENBROCK, 2007).

5.1.1 Fumo e Bebidas

Os rituais de fumo e bebidas alcoólicas durante as consultas foram extintos de muitas casas umbandistas, porém as que utilizam tem a função de limpeza e defumação em casos de cigarros (charutos, cachimbos, palheiros e outros). Segundo teorias umbandistas, os guias não tragam o cigarro, apenas “sopram” e o álcool é ingerido de forma reduzida ou podem atuar somente como oferenda. Ambos rituais, portanto, não prejudicam o médium.

5.1.2 Sacudimentos

Ritual que faz parte de algumas giras, representando a limpeza do local ou do indivíduo. Barbosa Júnior descreve da seguinte forma:

Para tanto, empregam-se folhas fortes que são batidas na pessoa ou no ambiente(“surra”), pólvora queimada no local em que se realiza ritual[...] (BARBOSA,2014).

5.2 As Vestes

As vestes utilizadas nas maiorias das casas, pelos trabalhadores, são roupas claras, de preferência brancas. A origem da cor branca da veste usada na Umbanda tem influência do Candomblé, onde o branco tem um significado muito amplo: cor de Oxalá, cor do início das coisas, cor da criação, etc. Em alguns Terreiros mais direcionados aos cultos africanos, usa-se o pano de cabeça (Torço) chamado de “Ojá” que representa respeito a determinados rituais e proteção a “coroa” dos médiuns contra influências negativas. As vestes femininas são semelhantes a saias baianas (rodadas) e blusas brancas de renda, já as vestes masculinas são calças e camisas brancas de malha. Em giras de Exus, podem-se se usar roupas vermelhas e pretas. Os membros trabalham com os pés descalços, esse rito é marcado pelo contato diretamente com o solo que liga os trabalhadores aos seus ancestrais, tradição que era utilizada também pela condição de escravos africanos e simboliza humildade e respeito no solo do terreiro. Segundos adeptos, além desses significados, andar descalço é uma forma de dissipar energias negativas. Alguns Umbandistas utilizam as “guias” que são uma espécie de colares de proteção imantadas pelas forças dos orixás, guias e protetores.

5.3 Pontos Cantados

Os chamados “pontos cantados” são de grande relevância para os terreiros. Os cânticos são uma forma de prece, de saudação, invocação e conexão com as entidades e cada “ponto cantado” tem uma função como: abrir e encerrar os trabalhos, atuar através dos guias e das forças da natureza (orixás), o “descarrego” ou “limpeza” e saudá-los, fortalecer e proteger os trabalhos, doutrinar e atuar contra “demandas” que são definidas como forças malélicas absorvidas pelo assistente em determinada ocasião. Existem pontos cantados para cada orixá, guia e protetores e são utilizados de acordo com a mecânica de cada casa. Os atabaques, que são instrumentos de percussão, classificados como Rum, Rumpi e Lê, são utilizados em vários terreiros e acompanham os cânticos. Outro ritual que pode acompanhar o canto é o “bater palma”.

Matta e Silva contribui:

Os pontos cantados são verdadeiras preces invocatórias que traduzem e identificam os sentimentos reais dos Orixás, Guias e Protetores, que, por meio deles, fixam suas vibrações no ambiente, e preparam o campo mental para receber os fluidos que se façam necessários aos seus objetivos. (SILVA, 1979)

Hoje em dia encontramos muitos pontos cantados que se tornaram música popular Brasileira (MPB).

5.4 Ponto Riscado

O ponto riscado é um ritual utilizado através de riscos (símbolos) no chão chamados de pomba (giz), que são efetuados pelos médiuns “incorporados” com as funções de proteção, identificação e comunicação com os orixás ou seus guias. Segundo os esotéricos, cada símbolo “riscado” tem um fundamento, temática que não iremos aprofundar nesse texto. Em alguns terreiros não se usa mais esse ritual, pois segundo alguns umbandistas, a conexão entre o plano espiritual e da terra já está ocorrendo no momento do culto sem necessitar desse rito.

5.5 Ervas, Banhos e Defumação

As ervas e banhos são rituais muito praticados pela maioria dos umbandistas. Estes precisam ser receitados pelas entidades através dos médiuns nas consultas ou por quem conhece bem seus fundamentos, pois cada rito tem uma função considerada holística e terapêutica necessitando de um preparo para a manipulação de cada uma. No entanto, os banhos, preparados com as ervas receitadas, mais conhecidas são os banhos de “descarrego”, banhos de sal grosso, banhos de energização, banhos naturais de cachoeiras, chuvas e mar.

O banho de Amaci é um ritual praticado em alguns terreiros, funcionando como uma espécie de batizado, de iniciação dos médiuns Umbandistas, nos quais iniciantes e veteranos devem passar por “reparos periódicos”. Para o Amaci, usa-se a água de bica e macera diversas ervas nessa água, e tem como a lavagem de cabeça do médium, a fim de despertar suas faculdades então adormecidas, e ainda liga o médium ao Orixá, fazendo com que tenha a sua vibração e energia interiorizada em seu espírito, mente e coração.

A defumação é outro rito bem relevante para os umbandistas e pode ser praticado nos terreiros ou em outros locais. Sua atuação ocorre com a queima de algumas ervas secas, e sua fumaça atua como “limpeza” de energias da pessoa ou do local. Geralmente sua “limpeza” é feita em forma de cruzamento (forma de “X”) nos cantos do ambiente de dentro para fora (porta do recinto).

5.6 Velas

A ritualística do uso de velas é encontrada em variadas tradições religiosas e muitos adeptos da Umbanda fazem o uso como ponto de concentração, reflexão e acendem a vela debaixo do Gongá durante o culto ou acendem em suas casas para reverenciar algum protetor que lhe confia ou para orações em geral. Para cada orixá existe uma cor específica de vela.

5.7 Obrigações

As obrigações é um ritual considerado basicamente como forma de agradecimento aos orixás (chamadas oferendas).

Segundo análise de Barbosa Júnior:

Em linhas gerais, as obrigações se constituem em oferendas feitas para, dentre outros, agradecer, fazer pedidos, reconciliar-se, isto é, reequilibrar a própria energia com as energias dos Orixás. Os elementos oferendados, em sintonia com as energias de cada Orixá, serão utilizados por eles como combustíveis ou repositores energéticos para ações mágicas (da mesma forma que o álcool, o alimento e o fumo utilizados quando o médium está incorporado). (BARBOSA, 2014).

Em muitas giras, pede-se que no dia do trabalho ritualístico (ou a partir da noite do dia anterior), que os médiuns não se alimentem de carnes, uso do fumo, álcool e mantenham o “corpo limpo” (representada pela abstenção de relação sexuais) com o intuito de que os trabalhos espirituais, que são baseados em trocas de energias, ocorra de forma menos densa e mais equilibrada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, pode-se concluir que a Umbanda, em suas diversas variações, as quais elencamos nesse estudo, com suas práticas mais comuns e simplificadas, tem um fundamento para cada ritual, doutrina e trabalho realizado. Em sua doutrina encontramos pontos relevantes da filosofia e teologia além de encontrarmos elos interculturais e históricos. Hoje em dia, encontramos Terreiros espalhados pelos cantos da cidade, alguns bem pequenos que com sua simplicidade atendem seus fiéis e pessoas de outros segmentos que se deslocam de outra cidade ou lugares distantes para receber um conselho ou um passe de algum Vovô ou Vovó (entidades que se manifestam nos médiuns) que são queridos e conhecidos como “curandeiros”. Além dessas, já encontramos casas Umbandistas maiores, nos centros das cidades, que estão sendo procuradas com frequência cada vez mais, por oferecerem palestras, estudos, oportunidade de trabalhos caritativos, aprendizado da Doutrina e ajuda nas questões emocionais, morais e espirituais. Espera-se com esse artigo ter despertado no leitor o interesse em conhecer um pouco mais dessa rica religião genuinamente brasileira, desmitificando alguns conceitos e entendendo sua heterogeneidade.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA JUNIOR, Ademir. **O Livro Essencial de Umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2014.
- BERKENBROCK, Volney J. **A Experiência dos Orixás**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE UMBANDA. (Brasil) (Org.). **Código Ético Litúrgico da Umbanda**. Disponível em: <<http://www.fbu.com.br/fbu.html>>. Acesso em: 17 jan. 2016.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a Cruz e a Encruzilhada**. São Paulo: Edusp, 1996.
- OLIVEIRA, Etiene Sales. **Umbanda de Preto Velho: A tradição popular de uma religião**. São Paulo: All Print Editora, 2007.
- ORTIZ, Renato. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- OXÓSSI, Flávio de. **Umbanda Sem Medo e Sem Preconceito**. São Paulo: Madras, 2014.
- PEIXOTO, Norberto. **Umbanda Pé no Chão: Um guia de estudos orientado pelo espírito Ramatís**. Editora do conhecimento, 1ª Edição, 2008.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. **Cadomblé e Umbanda: Caminhos da devoção brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- SILVA, Woodrow Wilson da Matta e. **Umbanda de todos nós**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1979.